

família Amaral Gurgel, “nome que se gravou no berço do Rio de Janeiro” e daqui “transpôs umbral para se espalhar pelo Brasil, buscar longínquas paragens onde se repetisse o eco de sua grandeza e firmasse pendões de patriotismo, de benemerência de talento, de cultura e de civilização”. Antes da união, trata o autor, com maestria, dos Amarais e dos Gurgéis, e aqui, sim, seu trabalho oferece subsídios valiosos à heráldica e à genealogia, mas sempre dentro de sua maneira de entender as duas ciências.

Indicações precisas das fontes utilizadas enriquece o trabalho de Celso Maria de Mello Pupo, que recomendamos à publicação nos Anais do Congresso.

É justo que se diga, de passagem, que o autor já é um nome firmado no campo da história regional. Seu livro “Campinas: berço e juventude” tem sido considerado um dos melhores trabalhos de história urbana já elaborados em nosso país, no que se refere à história de uma cidade.

\*  
\*       \*

## TRANSCRIÇÃO

### CAMINHOS ANTIGOS NA PARAÍBA

José Américo de Almeida

A facilidade de comunicação estimula, em toda parte, as forças produtivas. A história do transporte confunde-se com a do comércio. Como poderiam desenvolver-se no estado atual da economia, as zonas mais dotadas pela natureza, sem esse instrumento de valorização ?

A Paraíba apresenta, mais do que qualquer outra das nossas regiões, o exemplo do obstáculo da distância. A forma oblonga do território, que já responsabilizei como perturbadora da unidade antropogeográfica, é um fator de dispersão. Mas o trem de ferro não vem conquistar nossos sertões. Se essa faixa de terra ainda estivesse ínvia e despovoada, deveria, a exemplo do que se pratica alhures, ser violada pela maravilhosa influência da locomotiva, pois que, assim, se incorporaria à civilização brasileira. Um país, impedido, constitucionalmente, de se empenhar em guerras que o dilatam além de suas fronteiras, deve, ao menos, apropriar-se do que é seu, por esse processo pacífico e compensador.

A exploração do noroeste devia coincidir com a utilização do nordeste para que o Brasil se engrandeça dentro de seus próprios limites.

A estrada de penetração da Paraíba não avança pelo deserto. Esse traçado tem um evidente valor econômico, porque corta uma zona de intensa atividade e densamente povoada. São múltiplos os seus destinos; mas é fácil justificá-lo pelo só interesse da produção. Não é possível, entretanto, compreender todos os benefícios do desenvolvimento dos nossos meios de circulação e, principalmente, do acesso à zona de além-serra sem o exame comparativo das condições regionais desse problema, em face das necessidades recrescentes.

Lembra Irineu Joffily que “foram três os primitivos condutos por onde a Paraíba recebeu elementos colonizadores, todos três em sua fronteira meridional, porque somente desta direção terrestre e pela linha marítima podia vir-lhe a vida civilizada”. A estrada que unia a Pernambuco e por onde chegavam recursos para a defesa e a estabilidade do núcleo nascente tinha o seguinte traçado: partindo de Olinda, passava por Igarapé e, depois por Goiana, e penetrando em nosso território através de Taquara, Alhandra e Jacoca, entrava na capital, primeiro pelas Marés e, afinal, por Cruz das Almas. Para as fundações do Rio Grande do Norte e do Ceará, essa estrada prolongou-se ao longo do litoral. Segundo o citado historiador paraibano, foi essa a nossa única via de comunicação terrestre “até mesmo depois de extinto o domínio holandês”. Mas em 1620 a conquista do interior já havia atingido o atual município de Itabaiana, onde se contavam fazendas de criação. Devia ser fácil o trânsito nesse rumo, pelo menos até o aldeamento de índios de Taipu.

O segundo conduto é marcado pelo itinerário do padre Nantes para a aldeia dos cariris, no Boqueirão. Diz o autor das **Notas sobre a Paraíba**: “Esse caminho que o venerando capuchinho francês nos pinta atravancado de canas bravas era provavelmente por onde se comunicava Antônio de Oliveira com a sua fazenda de criação, sita nas proximidades da mesma aldeia, e foi por ele que devia ter transitado diversas vezes o padre Teodósio de Lucé, desde quase dois anos antes. E grande parte dele provavelmente foi aproveitado na estrada que hoje liga essa parte do sertão da Paraíba à cidade do Recife.” Não parece que houvesse ainda um caminho praticável, através, em certa passagem, de uma floresta de onze léguas de extensão, emaranhada de “cannes sauvages creuses au dedans, grosses de la moitié du bras”.

A terceira via foi a **entrada** dos sertanistas da margem do São Francisco. Por aí foi trazido o gado com que se fundaram as primeiras fazendas do alto sertão. A bandeira de Teodósio de Oliveira Ledo ligou, afinal, as zonas conquistadas, estabelecendo as relações de todo o interior com a sede da capitania.

Foi esse o nosso sistema de comunicação interna, em todo o território, até 1883. O nosso progresso teve, até essa parte, a morosidade do carro de boi.

( *A Paraíba e seus problemas*, pp. 343/345. 3<sup>ª</sup> edição, revista. João Pessoa, Secretaria da Educação e Cultura, 1980. )

\*  
\*   \*   \*

## TEXTOS

( Sugestões para Seminários )

### REVOLUÇÃO NACIONAL ( Getúlio Vargas )

No Brasil, salvo pequenas exceções, não existe regime representativo. Não há eleições, no exato sentido desta palavra.

Na maior parte dos Estados do Brasil, as eleições são lavradas em atas falsas, feitas nas casas dos apaniguados dos governos locais, sem interferência do povo. Por este sistema se elegem os governos estaduais e a representação dos Estados. Esta gente, pelo mesmo sistema, escolhe e elege o presidente da República. Este, amparado na força e nos recursos do Tesouro, apóia todos os desmandos dos governos locais que, por sua vez, dão carta branca ao ocupante do Catete. O Congresso Nacional eleito por esse sistema é de simples mandatários dos governos locais; fazem os que estes lhes mandam, abdicando de suas prerrogativas para servir incondicionalmente ao governo federal.

Em resumo, dentro dum regime de simples ficção constitucional, o presidente da República governa discricionariamente, sem controle e sem responsabilidade. O governo onipotente dum homem que domina sem responsabilidade é a causa de todos os abusos.

Cansada de lutar inutilmente contra essa máquina política, desesperada de melhorar a situação do País, dentro das possibilidades legais, decidiu-se a Nação pela luta armada.

Trata-se de uma revolução nacional, generalizada em todo o País, com raízes profundas na consciência popular e que traz consigo um vasto plano de reformas de ordem moral, política, econômica e financeira.

O novo governo dará anistia ampla a todos os implicados em revoluções anteriores.